

na da Fraternidade/ CNBB 1996, Ed. Salesiana Dom Bosco, SP, 1995, p. 11.

² Cf. Wolfgang Leo MAAR, *O que é Política*, Ed. Brasiliense, SP, 1982, p. 31.

³ Cf. José COMBLIN, *Teologia da Cidade*, Ed. Paulinas, SP, 1991. Este livro é leitura fundamental para quem tem interesse na pastoral urbana. E o item *Em direção a uma política nova* pp. 145-150 é muito inspirador para uma relação entre política e cidadania. Vale notar que o livro foi editado em Paris em 1968. As manifestações que aconteceram em Paris, em maio daquele ano, que depois ocorreram também em quase todo o mundo, deixariam uma marca indelével na política. Foi um furacão que se abateu desde a velha política institucional até os movimentos operários e comunistas tradicionais.

⁴ Para esta rápida introdução muito me auxiliou a obra de Wolfgang Leo MAAR, citada na nota anterior.

⁵ Texto Base CF-96, p. 19.

⁶ José COMBLIN, op. cit., p. 149.

⁷ Cf. Marilena CHAUI, *Por Uma Nova Política*, in Revista *ESVIVOS*, ano 1, nº 1, novembro de 1982, SP, p. 96. Para uma melhor compreensão histórica da política, ver, da mesma autora, a obra *Convite à Filosofia*, Ed. Ática, SP, 1995, principalmente pp. 367-436.

⁸ Texto Base CF-96, Objetivo específico nº 1, p. 8.

⁹ José COMBLIN, op. cit., pp. 145-146.

¹⁰ Eder SADER, *Marxismo e Teoria da Revolução Proletária*, Ed. Ática, SP, 1986, p. 52-53.

¹¹ Grande parte desta análise devo ao companheiro Eder SADER, na obra já citada.

¹² Texto Base CF-96, nn. 16-17, pp. 12-13.

¹³ Texto Base CF-96, pp. 21-23.

¹⁴ Texto Base CF-96, n. 34, p. 19.

¹⁵ Texto Base CF-96, n. 96, p. 39.

¹⁶ Texto Base CF-96, n. 93, p. 38.

¹⁷ Texto Base CF-96, n. 107, p. 42.

¹⁸ Op. cit., p. 148.

Endereço do Autor:

CEBI/SC

Cx. Postal 5150

88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

Fraternidade e Política

Seguir Jesus em Comunidade

O Projeto Político do 4º Evangelho

*Pe. Vitor Hugo Mendes - grad. 1994
Reitor do Semin. Teológico de Lages*

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa nasceu num momento importante de 1992. Estudante do 3º ano do curso teológico, nesse ano se completaram 10 anos da minha entrada no Seminário. Uma idéia que frequentava o "hall" de minhas preocupações, na escola e na vida comunitária, era o sentido verdadeiro de "fazer a vontade de Deus, Pai e Mãe". Na ocasião, no estudo dos *ESCRITOS DE ANANIAS*, orientado pelo Pe. Ney, professor da matéria, encontrei a oportunidade para explorar a idéia e sistematizar a pesquisa.

Motivado pela celebração dos 500 anos de... na América, logo se definiu a temática da pesquisa: "fazer a vontade do Pai na perspectiva do 4º Evangelho, na ótica da América latina". Estavam incluídos os assuntos de minha preferência: *VOCAÇÃO E MISSÃO*.

Três anos se passaram, e me parece que a questão continua sendo atual e relevante. Esta é a motivação que me levou a publicar o artigo. Atualmente no ministério da Formação Presbiteral, parece-me que é urgente e necessário retornar com "ternura e vigor" o tema do seguimento de Jesus

assumido em comunidade, razão do ser Cristão na Comunidade-Igreja hoje. Estou certo de que estas páginas, lidas em comunidade, poderão ser iluminadoras para todos. No entanto, são dedicadas a refletir sobretudo a qualidade de vida das nossas casas de formação e seminários, bem como o compromisso eclesial daqueles que por ali passam.

1. JOÃO E SEU EVANGELHO

O 4º Evangelho, como toda obra histórica, nasce dentro de uma conjuntura específica; procura situar um contexto; tem um endereço determinado; visa iluminar e traduzir a realidade de uma época. Assim é o evangelho de João. Obra teológica profunda, de certo modo bastante precisa em dados históricos e geográficos (ao que tudo indica depende de uma testemunha ocular), que com muita originalidade procura mostrar o impacto da PALAVRA DE DEUS diante dos homens e mulheres de seu tempo.

Por que o 4º Evangelho? Quem o escreveu? Onde o teriam escrito? Estas são questões bastante controvertidas na exegese bíblica. Há inúmeros escritos sobre isso, mas que não passam de hipóteses, ainda que bem fundamentadas¹.

Deixemos, no entanto, que as questões deste tipo sejam respondidas pelos especialistas, ou as retomemos em momento mais oportuno. Nesta oportunidade, a título de conhecimento introdutório, vejamos aquilo que se sabe, e que de momento é aceito nos meios científicos.

Na origem, na fonte desta obra, está João, filho de Zebedeu, irmão de Tiago, que desde o século segundo é identificado por Santo IRINEU como o "discípulo que Jesus amava" (cf 13,23). Seus escritos, os escritos "joaninos", datam por volta de 90/100 dC. Pesquisas atuais comprovam que no Egito, foram encontrados papiros contendo trechos do capítulo 18 de João, que remontam ao ano de 130 dC. Isto significa que, nessa data, o Evangelho de João estava documentado e contava com certa divulgação naquele meio, o que nos leva a crer que sua redação situa-se, evidentemente, antes desse período².

"Não há dúvida de que este Evangelho, atribuído a João pela Tradição, está baseado no testemunho de João e é fruto da escola joanina, cristalizando a tradição vivida e atualizada"³. Assim, o "discípulo amado" "estaria na origem do 4º Evangelho, mas não o teria redigido. Esse evangelho teria passado por um longo processo de formação nos ambientes judaico-helenistas ou helenizados, afetados por especulações diversas. Denomina-se então 'escola joanina' este conjunto de discípulos que pregavam em comunidades vinculadas ao testemunho de João, aquele cuja autoridade se reconheceu em 21,24: 'Quanto a nós, sabemos que seu testemunho é verdadeiro'".

Tudo leva a crer que o lugar onde foi escrito o quarto evangelho "em princípio seria a Síria, talvez Antioquia, que era um grande centro. Alguns apontam Éfeso como a cidade de referência, pois, segundo a tradição, o Apóstolo João aí viveu"⁵.

Diz-se também que o evangelho de João é "o evangelho espiritual". No entanto, "é preciso entender bem o adjetivo 'espiritual'. Não se pode dar-lhe aquele sentido diminuído e desvalorizado que às vezes tomou nas línguas modernas, mas o sentido de 'animado pelo Espírito'"⁶.

"A leitura do Evangelho de João é um convite para irmos às raízes da libertação"

Em João "a experiência espiritual da comunidade era tão forte que corria o perigo de negligenciar dois aspectos fundamentais do cristianismo: a referência às memórias sobre Jesus de Nazaré, e a primazia da prática sobre a contemplação e a experiência⁷. Há pois que se salientar e resgatar "a primazia do 'ágape', do amor con-

creto e prático ao próximo que está na base da comunidade como instituição real e histórica. O Espírito não afasta deste mundo e das suas exigências. Se isto sucedesse, seria sinal da presença de um falso espírito"⁸.

Na verdade, a leitura do Evangelho de João é um convite para irmos às raízes da libertação e redescobrimos a

função fundamental da conscientização das comunidades populares, como práxis e discernimento da VERDADE que liberta. O contexto no qual nasceu o testemunho de organização e animação das comunidades primitivas, experimentou e viveu conflitos diversos com o judaísmo, o conflito com a gnose, o conflito com a visão grega do mundo, o conflito com os movimentos internos da comunidade...⁹ É isto que irá fortalecer o testemunho histórico que vem da prática de Jesus de Nazaré, testemunho agora revitalizado na prática das comunidades joaninas, que vivem pela revelação da verdade aceita na fé, mas também vivida coletivamente na comunidade.

O 4º evangelho é, então, "uma proclamação da messianidade e da filiação divina de Jesus a partir dos sinais, para desenvolver a fé nele reconhecido como o Cristo, como meio de obter a vida"¹⁰. Assim foi escrito o evangelho, "para crermos que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e para que, crendo, tenhamos a vida em seu nome" (Jo 20,31).

Sob as novas circunstâncias da época, João dá, à sua maneira, o seu testemunho sobre Jesus, de modo a aprofundar a Cristologia. O Jesus joanino é o Lógos encarnado. Ele veio manifestar a vida, veio trazer vida à humanidade abatida e debilitada. Na verdade, como aconteceu em Jesus, a vida jorrará do assumir o projeto de um mundo diferente, de uma sociedade organizada em bases radicalmente novas.

ESQUEMAS DE LEITURA DO QUARTO EVANGELHO:

- 1) 1, 1-18 Abertura (Prólogo)
 - 1ª parte: cc. 1-12 Livro dos Sinais
 - 2ª parte: cc. 13-20 Livro da Glória
- c. 21 Apêndice (Epílogo)

- 2) 1,1-18 Abertura (Prólogo)
 - 1, 19-51 Testemunho de João Batista e primeiros discípulos.
 - cc. 2 - 3 - 4 Narrações
 - cc. 5 - 12 Conflitos
 - cc. 13 - 17 Última Ceia e Despedida (Livro da Comunidade)
 - cc. 18 - 20 Paixão e ressurreição
 - c. 21 Epílogo (Epílogo)

Note-se que, no Evangelho de João, "profundeza espiritual" não significa evasão do cotidiano, refúgio no abstrato, afastamento do mundo. Neste Evangelho se encontram as polêmicas, os conflitos, as contradições que, dando sequência àquelas que Jesus sofreu, marcaram a Igreja primitiva e mais particularmente o ambiente joanino. É provavelmente à rudeza dos confrontos que devemos, até certo ponto, a profundeza da visão.

2. O MESSIAS QUE REALIZA A VONTADE DO PAI

Paulo (Rm 8,3b; Gl 4,4) e os evangelhos sinóticos já viam Jesus como enviado do Pai. Mas João não cessa de insistir no fato de que Jesus é "o enviado" (3,17; 5,24. 36-38; 8,42; 9,7; 11,42; 17,8.21-25), que o Cristo vem do Pai (3,31; 6,46; 7,29; 8,42, etc), que "aquele que Deus enviou" diz as Palavras do Pai (3,34; 7,16; 8,26-28; 12, 49-50; 14, 24; 17,8.14), porque ele desce do Pai (3,13; 6, 38.42) e faz a vontade do Pai, "as obras" do Pai (9,4; 10,32.37; 14,10).¹²

Qual seria o motivo desta insistência? Para João, Jesus é o Verbo feito carne, que veio dar a vida à humanidade.¹³ “A missão do Filho é verbificar o universo, transformá-lo em glória do Pai, de onde veio”.¹⁴ Logo, Jesus é o “Messias” do Pai (1,41), o “Eleito de Deus” (1,34), o “Filho de Deus, o Rei de Israel” (1,49). Foi ele que o Pai, o próprio Deus, marcou com o seu selo (6,27): “Deus pôs sobre ele sua marca”.¹⁵ Ele faz a vontade do Pai, e “realiza as suas obras” (cf 9,4). No dizer do Jesus joanino: “*Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra*” (4,34).

Vindo do Pai, Jesus é encarregado de levar em frente seu Projeto, a fim de consumir a sua obra (4,34). Pois ele desceu do céu não para fazer a sua vontade, mas a vontade daquele que o enviou (6,38). A vontade de Jesus é a vontade do Pai. Ele mesmo, Jesus, afirma este mistério de unidade e profundo existente entre ele e o Pai: “*Eu e o Pai somos um*” (10,30).

Esta unidade entre o Pai e o Filho tem o seu fundamento no “conhecimento” existente entre ambos. Na Bíblia (cf Os 2,22), o conhecimento não provém de uma operação puramente intelectual, mas da “experiência” (Jo 10,14 - nota p) na BJ). ‘E a relação do Pai com o Filho, descrita por João no seu evangelho, é a força libertadora da verdade que acontece e se manifesta em Jesus de Nazaré, “o Santo de Deus” (6,69). O evangelista assim a expressa nas palavras do próprio Filho: “*Como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e dou minha vida pelas minhas ovelhas*” (Jo 10,15).

O testemunho de João, a sua Boa Notícia é, portanto, o testemunho da experiência original de Jesus com o Pai, pois “*no principio era a Palavra e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus*” (1, 1-2). O que de fato queremos transmitir o “discípulo amado” é essa realidade da presença histórica da Palavra de Deus em Jesus. Por isso, não hesita de proclamar a sua messianidade e a sua filiação divina. Ele, “*que não foi gerado em do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas que nasceu de Deus, e como Palavra se fez carne, e habitou entre nós*” (1,13-14).

É dessa unidade do Pai com o Filho, portanto, que nasce e se desenvolve toda a autoridade do Filho, pois “*o Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que o Pai faz; tudo o que este faz, o Filho também faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz*” (5,19-20). Esta condição de amor incondicional não subordina o Filho ao Pai, não condiciona e nem limita a prática e o testemunho de Jesus como Messias do Pai. Pelo contrário, dá ao Filho maior poder e autoridade, porque este realiza somente a vontade d’Aquele que o enviou. Por vontade do Pai, tudo está nas “mãos”, no poder do Filho, porque “*o Pai ama o Filho e tudo entregou em sua mão*” (3,35 - nota “r” da BJ).

Ora, a missão de Jesus, “o alimento de Jesus, portanto, consiste em realizar o desígnio/vontade do Pai trabalhando em prol do homem”¹⁶, promovendo vida e vida em abundância (Jo 10,10). De fato, Deus ama os homens e quer dar-lhes a vida. Jesus revela esse amor e realiza a vontade e as obras do Pai. Por isso, manifesta “sinais” (cf. cc 2-12),

que são gestos libertadores. Anuncia, com isso, que Deus está presente no meio dos homens e mulheres como um princípio de vida e de comunhão (cf 14,6). Logo, a vontade do Pai que se realiza em Jesus é o anúncio do Reino, já (em Jesus) e *ainda não* plenamente (na comunidade), como dom e graça que torna o homem justo, agradável, amigo e filho de Deus (cf 1,12-16; 15,14-15).

De fato, “se as obras de Jesus são feitas só e exclusivamente em favor do homem, é evidente que está identificado com o Pai. Suas exigências, que correspondem às suas obras, são as exigências do Pai, para o bem do homem. A morte de Jesus, sua entrega a fim de dar a vida ao homem, demonstrará sua total identificação com o Pai doador de vida”.¹⁷ É claro, pois, que o Deus do Reino da Vida revelou-se na prática de Jesus, e revelou-se “*até o extremo*” (13,1) na sua Paixão e morte: Paixão absolutamente injusta, mas padecida de forma absolutamente fiel.

3. FAZER A VONTADE DO PAI NA AMÉRICA LATINA

3.1 - A FORÇA DA PALAVRA NA EFICÁCIA DO ESPÍRITO

“Estas coisas vos tenho dito, estando entre vós. Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse” (14, 25-26).

A América Latina tornou-se um imenso “ventre”, onde de um modo diferente se procura “fecundar”, dar vida, à Palavra de Deus. Não se trata de uma nova palavra, mas da mesma Palavra, agora entendida diferentemente, com um “novo ardor”, “novos métodos” e uma “nova expressão”.

“De tudo isso resulta uma prática nova, que busca encarnar a Boa Nova em novas formas de vida. Esta prática tem muito a nos ensinar, a nós que buscamos uma nova evangelização”.¹⁸

É bem verdade que “o Evangelho por si só não basta. O que lhe confere força e eficácia é o Espírito Santo. Por sua vez, o Espírito Santo não inspira qualquer tipo de palavra, mas a palavra de Cristo”.¹⁹ Essa Palavra, que se fez carne e habitou entre nós, quer ser a Boa Nova da vida, porque esta é a vontade de Jesus. Aliás, como já vimos, a Palavra da verdade é Cristo, e Cristo é a vida plena para todos os homens e mulheres (cf 10,10).

Durante muito tempo, “a justiça, o pão, a vista aos cegos, a liberdade aos oprimidos, a paz e as promessas do reino de Deus, foram espiritualizados a tal ponto que dão impressão de que a Bíblia não fala sobre ‘este mundo’”.²⁰ Já era tempo de resgatar o sentido preciso da Palavra, de modo que essa seja realmente Palavra de Deus anunciada em nosso tempo, no Espírito de Jesus.

“No quarto Evangelho, a unidade entre Palavra e Espírito é tematizada sistematicamente. ‘Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois ele dá o Espírito sem medida’ (3,34). ‘Deus é Espírito e aqueles que o adoram

devem adorá-lo em Espírito e Verdade (Jo 4,24). A Verdade é o Evangelho pronunciado por Jesus, a realidade da salvação anunciada pelo Evangelho: *‘As palavras que eu vos disse são espírito e vida’* (Jo 6, 63)”²¹.

Importa lembrar que o “acesso à Boa Nova se faz pela fé”, pelo Espírito. “Acreditar na Boa Nova” é crer na mensagem de Jesus. Mas não só! Crer também, e sobretudo, n’Ele, na sua pessoa, e aceitá-lo tal como se apresenta (cf 14,1). Não há outra entrada”²².

No contexto latino americano, ter fé, crer, acreditar, significa fazer a experiência da Palavra que se encarna, pessoal e coletivamente. Mais que isso, significa assumir o desafio de tornar-se discípulo do Messias enviado do Pai. Nele se realiza a vontade do Pai e, por ele, em nós, que agora somos conduzidos pelo seu Espírito.²³

A missão do discípulo é difícil e penosa, pois inclui o seguimento, que por sua vez está intimamente “relacionado com a vida de Jesus e sua prática, e desta forma a fé não é doutrina sobre a salvação, mas Palavra de Deus feita carne, espaço e tempo”.²⁴ Do mesmo modo, “o seguimento não é uma ‘doutrina’, mas a vinculação à pessoa de Jesus e sua prática: a conexão entre o seguimento e comunhão de destino remonta até o próprio Jesus”, no sentido de que a sua experiência com o Pai é o ato fundante de sua missão.²⁵

Nisto, a extraordinária validade do Evangelho do “discípulo amado”. Em João nos é possível conhecer Jesus Cristo a partir do testemunho histórico das comunidade dos crentes, e assim descobrir o significado de “fazer a vontade do Pai” na América Latina. “Como poderemos conhecer o caminho? Diz-nos Jesus: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conhecereis o Pai*” (14,6-7). Eis aí a ação conjunta da palavra e do Espírito, pois o mesmo Espírito enviado a Jesus é aquele que vivifica em nós a Boa Nova, a fim de construirmos um modo novo e diferente de nos organizar, viver e “lutar” em comunidade/sociedade.

3.2 - FAZEDORES DA VONTADE DO PAI

A missão de libertar os injustiçados e marginalizados é, pela fé e sua tradição, atribuída ao Messias; a comunidade messiânica se associa a esta tarefa sendo também sinal e instrumento de libertação integral. Neste sentido, no artigo do Pe. NEY, “*O trabalho de Deus e o nosso trabalho*”, vamos encontrar bases profundas sobre nossa tarefa de continuar a “obra do Pai”. Comentando Jo 14,12, ele afirma: “Jesus continua abrindo os horizontes para seus discípulos e anunciando-lhes que, se crêem nele, farão as obras que ele faz, e até maiores! Isto é, e cita J. MATEOS e J. BARRETO: ‘a obra de Jesus foi apenas o começo, o futuro reservando trabalho mais intenso. Ele não se propõe como modelo inatingível, como o único capaz de fazer estas obras. O discípulo poderá fazer o mesmo e ainda mais, o que confirma que os sinais/obras feitos por Jesus não são irrepetíveis por serem extraordinários, mas o seu caráter principal está em serem símbolos da atividade que liberta o homem ofertando-lhe a vida... A libertação há de seguir avante. A presença e a atividade de Jesus no mundo significam uma reviravolta na história... Cabe aos discípulos continuar a direção impressa por ele”²⁶.

Disto podemos compreender que, no seguimento do Jesus joanino na América latina, o discípulo (a) haverá de

fazer uma opção real e concreta em favor da vida, em toda a sua abrangência e implicações. Este será o nosso ponto de partida e, certamente, a referência de chegada para quem quer tornar-se fazedor da vontade do Pai neste continente. Esta radicalidade em favor da vida não é uma opção aleatória, mas a vontade do próprio Jesus (Jo 10,10).

Ora, no ano de 1992 celebramos os 500 anos de implantação de um processo de colonização e exploração do continente latino-americano. São cinco séculos onde se alastrou com vigor a miséria e o sofrimento. Em tudo isso, os pobres foram os grandes perdedores. Roubaram deles todos os seus espaços. Tornaram-se carentes de tudo, por vezes até da esperança. Com os bispos reunidos em Puebla “comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo, a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, salários de fome, falta de moradia adequada...” (DP 29). E o pior é que, de Puebla para cá, passados 15 anos, a situação não melhorou, mas ao contrário, agravou-se.

Pelo visto, é um paradoxo falar de vida em meio a essa realidade. Os pobres são a prova real da ‘não vida’, a negativa com relação a Jesus e sua Boa Nova. “*Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o conheceu*”, por causa daqueles que resistem a Deus e perseguem com ódio a Cristo e seus discípulos (cf 1,10 - nota “q” da BJ).

Como o Espírito age na contramão da história, haveremos de ver a grande novidade que surge na Igreja da América Latina. G. GUTIERREZ a chama de “irrupção dos pobres”, que, “*renascendo da água e do Espírito*” (cf 3,5), resgatam o direito de serem gente, e assim sinalizam, por entre as balizas da morte, a VIDA, tal como fez Jesus.

Feito este breve comentário e a necessária introdução sobre a realidade da América Latina, é necessário que delimitemos ainda mais o nosso tema, a fim de nos encaminharmos para a conclusão. Dada a diversidade de temas relacionados à Vida no Evangelho de João, iremos abordar o tema da “comunidade” como seu foco irradiador (cf o “Livro da Comunidade”, cc. 13-17), o que na América Latina é representado pelas Comunidades Eclesiais de base.

3.3 - A COMUNIDADE: CENTRO IRRADIADOR DA VIDA

“O lugar e o modo que os pobres descobriram na América Latina para a educação da Fé libertadora é a comunidade eclesial de base. É o ‘jeito da Igreja’, costumam dizer. A CEB é ao mesmo tempo foco de evangelização e

*“No seguimento
do Jesus joanino
na América Latina,
o discípulo (a)
deverá fazer uma
opção real
e concreta em
favor da vida”*

motor de libertação".²⁷ Podemos dizer, sem sombra de dúvida, que, nas muitas comunidades eclesiais de base espalhadas pela América Latina, há um retrato vivo daquilo que é descrito e ensinado por Jesus no "Livro da Comunidade", em João (cc. 13-17).

"As CEBs contribuem para uma maior participação dos cristãos na Igreja. Elas se tornam":²⁸ a) um lugar de liberdade; b) um lugar de re-identificação dos pobres; c) um lugar de criatividade; d) um lugar de consenso; e) um lugar de partilha; f) um lugar da vivência e do testemunho que liberta; g) um lugar da leitura da Bíblia; h) um lugar da descoberta e do exercício dos novos ministérios e da nova prática do exercício do poder; i) um lugar do treinamento participativo...

É à luz dessa mesma práxis que as CEBs interessam às pessoas e, como Jesus, seus membros são perseguidos. É certo que elas não são o único, mas certamente são o espaço privilegiado para se viver e realizar a vontade do Pai na América Latina. O amor "agápico" é quem cria e mantém essa "Koinonia".

De fato, "a evangelização desperta a vida, e leva as pessoas e comunidades a entrarem num dinamismo novo. Quem nada fazia começa a agir, quem agia de acordo com as estruturas de um mundo velho, corrupto, injusto, de dominações e destruições, começa um mundo novo de novos relacionamentos. Assim como Deus criou o universo pela força de sua Palavra,

"Vivendo o projeto de Jesus, ele se torna de fato Caminho, Verdade e Vida"

assim esta nova palavra tem força para criar um mundo novo".²⁹

Esta nova palavra é a força do "Testemunho", lido e entendido agora, de um modo diferente, na vida e na comunidade de base. Esse é, de fato, o lugar concreto onde se vai continuar a prática de Jesus. "Sem as comunidades, a Igreja não teria condições para anunciar o homem novo. Falaria em coisas fictícias que não têm realidade histórica. Pois bem, a realidade histórica e o significado dos discursos cristãos... são as comunidades cristãs".³⁰

É evidente que, numa sociedade capitalista e hedonista, não há espaço para uma vida comunitária autêntica. Talvez, e provavelmente por isso, as "comunidades nasceram e subsistem no meio dos pobres".³¹ Daí o seu caráter revolucionário, daí o meio onde se cultiva a semente da nova sociedade. Neste sentido, as CEBs são um tempo profético no meio de nós. Ali se procura fazer a memória de Jesus, o Cristo, e se revive com empenho o seu "Testamento" (cc 13-17), deixado para os seus discípulos/comunidade, e para nós.

As CEBs são uma contradição para o mundo. Ali, Senhor é aquele que se dispõe por toda a sua vida a estar a serviço dos irmãos (13, 1-17); a partilha do pão é o sinal da comunhão, de igualdade e fraternidade (13, 18-30). Ora, novas relações de atividade e de partilha geram novas relações sociais (13, 31 ss), e assim, a comunidade cristã se

torna o lugar do compromisso com a prática de Jesus. Ela se torna sinal de uma sociedade alternativa.

A CEB é também o lugar onde o discípulo fortalece a sua fé (14, 1ss - cf. nota "p" da BJ). Ali a palavra de Deus é lida, e sempre relacionada com os conflitos que a comunidade vive. Na busca comum de solução de problemas também comuns, descobre-se que, vivendo o projeto de Jesus, ele se torna de fato *Caminho, Verdade e Vida* (14,6).

É no confronto dialético desta nova realidade que se vai construindo, que surge a "nova comunidade" (15, 1-17). Esse amor vivido concretamente na realidade do mundo, onde se situa a comunidade, é a própria vitalidade de Deus. "O amor do Pai, manifestado em Jesus, tornou-se o dinamismo da comunidade, pois o amor é a doação da vida em vista de mais vida, é a solidariedade que estabelece laços de comunhão e leva ao compromisso de continuar fazendo o que Jesus fez".³²

É claro que o conflito será inevitável. A perseguição será consequência (15,15-18;16, 33). Vivendo sob uma nova estrutura, agora guiada pelo amor-solidariedade, as CEBs se tornam um foco subversivo para a ordem estabelecida. É o Espírito quem fará a defesa da justiça e convencerá o mundo do pecado em que vive (16,8-11).

Ora, fazendo este percurso e relacionando as CEBs com o "Livro da Comunidade", em João, vamos encontrar a Oração de Jesus (17, 1-26). Nas comunidades eclesiais de base, a Oração de Jesus se torna a grande intercessão que Jesus faz ao Pai, por nós. Ai se firma a missão do discípulo(a), a missão da comunidade. Ai se reza a radicalidade da prática de Jesus, sempre em vista de levar avante esse projeto de vida, agora, entre nós.

NOTAS

¹ A. JAUBERT, *A Leitura do Evangelho segundo João*, Ed. Paulinas, SP, 1985, p. 15

² CEBI, *Jo 13-17: O Livro da Comunidade*, pp. 2 e 3. Sobre isto conferir ainda: FRANCISCO RUBEAUX, *Mostra-nos o Pai: uma leitura do quarto Evangelho*, CEBI, MG, 1989 (n.20) p. 10; A. JAUBERT, op. cit., p. 15.

³ CEBI, *O Livro da Comunidade*, p. 4. Sobre isto conferir ainda: A. JAUBERT, op. cit., p. 15; F. RUBEAUX, op. cit., p. 7.

⁴ A. JAUBERT, op. cit., p. 15

⁵ CEBI, *O Livro da Comunidade*, p. 4.

⁶ A. JAUBERT, op. cit., p. 7. Sobre isto conferir ainda: Cad. Bíblicos, VV.AA., *Libertação dos homens e salvação em Jesus Cristo*, 2a. parte, Ed. Paulinas, SP, 1981, pp. 29-34.

⁷ J. COMBLIN, *O Espírito Santo e a Libertação*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, p. 23.

⁸ Id., *ibid.*, p. 23.

⁹ Sobre isto conferir ainda: CEBI, *O Livro da Comunidade*, p. 4/5; A. JAUBERT, op. cit., pp. 07-13; R. E. BROWN, *A comunidade do Discípulo Amado*, Ed. Paulinas, SP, 1984, pp. 42 ss; Cad. Bíblicos, op. cit., pp. 29-30.

¹⁰ BJ, Introdução ao Evangelho de João.

¹¹ Sobre isto conferir ainda: RUBEAUX op. cit., p. 11; CEBI, op. cit., p. 6; J. KONINGS, *Encontro com o Quarto Evangelho*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1975, p. 21.

¹² João 4, 34 - cf. nota "e" da BJ.

¹³ BJ, Introdução ao Evangelho de João

¹⁴ L. BOFF, *A Trindade, a Sociedade e a Libertação*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1986, p. 229. Sobre isto conferir ainda: pp. 227-230.

¹⁵ A. JAUBERT, op. cit., p. 64.

¹⁶ N. B. PEREIRA, *O trabalho de Deus e o nosso trabalho*, in "Encontros Teológicos", n. 9 (1990/2), p. 14.

¹⁷ Id., ibid., p. 15.

¹⁸ C. MESTERS, *A Bíblia na Nova Evangelização*, Cad. da CRB, RJ, 1990, p. 19

¹⁹ J. COMBLIN, op. cit., p. 187

²⁰ S. S. GOTAY, *O pensamento cristão revolucionário*, Ed. Paulinas, SP, 1985, p.123. Cf também o capítulo 4 do mesmo livro: *A revolução hermenêutica: recuperação do sentido histórico e libertador do Reino de Deus na literatura bíblica*, pp. 144/163.

²¹ J. COMBLIN, op. cit., p. 185

²² C. MESTERS, op. cit., p. 29.

²³ Sobre isto cf ainda: José COMBLIN, op. cit., pp. 178-203. Na p. 191: "O Filho encarna-se num homem que já é presença do fim desse movimento, e antecipa o advento da humanidade nova para a qual caminha a multidão conduzida pelo Espírito Santo"...

²⁴ B. FERRARO, *Cristologia a partir da AL: Pressupostos*, in REB 48, fasc. 190 (jun/88), p. 285

²⁵ Id. ibid., p. 284

²⁶ N. B. PEREIRA, art. cit., p. 15.

²⁷ A. CECHIN, *Educação da Fé ao interior de uma prática libertadora*, CEBI, MG, 1989 (n. 19), p. 18.

²⁸ B. FERRARO e R. SIMÕES, *Democracia como conquista*, in rev. Vida Pastoral, mai-jun 1989, n. 146, p. 13.

²⁹ J. COMBLIN, *Antropologia Cristã*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, p.43

³⁰ Id., ibid., p. 22.

³¹ Id., ibid., p. 22.

³² F. RUBEUX, op. cit., p. 31

Endereço do Autor:

Seminário Teológico de Lages
caixa postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

Fraternidade e Política

A Paz - Que Paz?

Pe. Ney Brasil Pereira
Professor de Exegese Bíblica

O sugestivo lema da CF-96 "*Justiça e Paz se abraçarão*", extraído do Sl 85,11, irresistivelmente nos reporta ao profeta ISAÍAS, no c. 32,17, onde se lê a seguinte afirmação lapidar: "*A obra da Justiça é a Paz*"¹, isto é, em outras palavras: a Paz é o fruto, o resultado da Justiça; ou ainda, sem Justiça não há Paz!

Esta observação inicial me recorda um breve diálogo, entre mim e um preso da Penitenciária de Florianópolis, nos idos de 1974, quando eu estava iniciando este ministério de assistência aos encarcerados no qual continuo até hoje. Não me recordo mais do dia e do mês, nem também do nome do preso (oficialmente chamado de "reeducando"), embora sua fisionomia me esteja presente. O local foi no corredor da "Casa Velha", que dá acesso à Capela, e por onde também se passa a umas salas de aula, para onde o preso se dirigia. Meio de chofre ele me aborda, ao cruzarmos no corredor, e me pergunta, mais ou menos nestes termos: "Pe. Ney, qual é o versículo mais importante da Bíblia?" É uma pergunta que eu mesmo gosto de fazer às pessoas, em palestras de introdução à Bíblia, e procuro justificar determinada resposta. Ele, preso, na sua situação de condenado da "Justiça", havia descoberto a profundidade da fórmula isaiana e me dava a sua resposta, citando o texto na versão de ALMEIDA, que

era a que ele tinha em mãos: "É Isaías 32,17: '*O efeito da Justiça será Paz, e o fruto da Justiça, repouso e segurança para sempre*'. Não me lembro se ali, no corredor, tivemos tempo de aprofundar a questão, nem me lembro se perguntei ao preso as razões que o levaram à descoberta... mas creio que a aproximação da CF-96, com o lema já mencionado, é uma boa oportunidade para tentarmos esse aprofundamento: Qual será essa Paz verdadeira, pela qual todos ansiamos? e como essa Paz depende da Justiça?"

Pretendo desenvolver minha contribuição em três pontos: 1. A Paz que não é Paz, e esta o Cristo não vem trazer-nos, segundo a afirmação paradoxal de Mt 10,34: "*Não penseis que vim trazer Paz à terra: não vim trazer a Paz, mas a espada*" (cf Lc 12,51)... 2. A Paz verdadeira, que é fruto da Justiça, segundo Is 32,17. 3. A Paz verdadeira, que é o próprio Jesus, o Cristo, segundo Ef 2,14.

1. NÃO VIM TRAZER A PAZ, MAS A ESPADA (MT 10,34)

Antes de tudo, trata-se de um texto difícil, este versículo de Mateus, pelo próprio fato de ser paradoxal. Imediatamente suscita em nós a pergunta: Mas como? O "Príncipe da Paz"(Is 9,5) não vem trazer a Paz? Pelo contrário, traz "a